

ARTIGO

A PAISAGEM E O ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DE PORTO NACIONAL-TO

Murilo Henrique Lisboa Gomes¹
Denis Ricardo Carloto²

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar pesquisa realizada sobre a categoria geográfica Paisagem no município de Porto Nacional-TO, na qual resgatou-se a história do município neste início de século e investigou-se como a categoria é representada por doze estudantes do Centro de Ensino Médio Professor Florêncio Aires. Foram realizados quatro encontros com os estudantes onde apresentaram suas percepções sobre a Paisagem a partir de debates e desenhos. Realizou-se, também, uma entrevista com um representante de uma empresa transnacional que atua no agronegócio de *commodities* de soja. A referida entrevista se fez importante uma vez que consideramos ser a produção de soja a grande transformadora da Paisagem do Cerrado tocantinense.

Palavras-chaves: Paisagem. Ensino de Geografia. Porto Nacional-TO. Ensino Médio.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de uma pesquisa sobre Paisagem no município de Porto Nacional-TO abordando como esta categoria geográfica é representada e compreendida por estudantes do ensino médio do Centro de Ensino Médio Professor Florêncio Aires. Compreende-se que não é papel do professor da educação básica trabalhar com os estudantes

¹ Professor de ensino fundamental e médio, licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins – campus de Porto Nacional. E-mail: murilogomes1998@gmail.com

² Professor Doutor – Docente do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins – campus de Porto Nacional. E-mail: denis@uft.edu.br

as categorias geográficas analisadas da mesma maneira que nas universidades. Porém, entende-se que na educação básica a relação com os conceitos nos conteúdos propostos pelo currículo escolar tem o intuito de analisar as transformações socioespaciais.

A escolha do Centro de Ensino Médio Professor Florêncio Aires, localizada no centro do município de Porto Nacional-TO, para a pesquisa deveu-se ao fato de ser escola-campo do Programa Residência Pedagógica. O programa da CAPES, com financiamento de bolsas de estudo, é destinado a discentes que estão cursando a segunda metade do curso de licenciatura, sendo que no curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins foi desenvolvido em parceria com o Estágio Supervisionado com o objetivo de aproximar mais os licenciandos do ambiente escolar. O objetivo do programa é aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias. O programa possibilita o contato imediato com o futuro ambiente de trabalho do universitário dos cursos de licenciatura, permitindo-os que possam se identificar com a profissão, bem estreitando a ligação entre a universidade, a escola e as demais instâncias como as secretarias de educação.

Para o desenvolvimento da pesquisa, em um primeiro momento foi realizado levantamento bibliográfico para refletir sobre a categoria Paisagem, tendo como principais referências Santos (2009; 2014) e Sauer (2004).

A pesquisa empírica ocorreu com entrevistas com 12 estudantes realizada em quatro etapas no segundo semestre de 2019. Na primeira ocorreu uma reunião para explicar, apresentar e debater a respeito do entendimento da categoria trabalhada. Já na segunda etapa, foi proposto que os estudantes desenhasssem o que seria a paisagem na concepção de cada um deles. Na terceira ocorreu um debate acerca dos desenhos realizados, no qual cada um apresentou sua versão sobre a realização da tarefa e, posteriormente, foi apresentado os conceitos e reflexão sobre os autores estudados para compreender a Paisagem. Na última etapa, novamente a realização de novos desenhos com o intuito de analisar se houve alterações na concepção desses estudantes a respeito da categoria Paisagem.

Concomitante, houve também a tentativa de entrevistas com três empresas ligadas ao agronegócio da soja, uma vez que estas *commodities* são uma das principais transformadoras da paisagem no município de Porto Nacional-TO neste início de século. Porém, obtivemos sucesso na entrevista somente com uma empresa. As demais alegaram falta de tempo e se recusaram a conceder entrevistas.

O presente artigo está dividido em três partes, sendo realizado na primeira uma contextualização da categoria paisagem, baseando-se nos principais autores já citados. Na segunda parte são apresentadas as transformações socioespaciais no processo histórico de constituição do município de Porto Nacional-TO. Ao longo de sua história, nos períodos apresentados, o atual, neste início do século XXI, a produção de soja foi o que mais transformou a paisagem e as funções sociais no município. Por fim, apresenta o resultado da pesquisa empírica com os alunos(as) a respeito da categoria Paisagem.

A pesquisa foi realizada vinculada ao LABUTO - Laboratório de Pesquisa em Geografia Política e Usos do Território Brasileiro, do curso de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, *campus* Porto Nacional.

2 REFLEXÕES SOBRE A CATEGORIA PAISAGEM

A paisagem existe mesmo antes de ter seu conceito formado, e sempre esteve em constante transformação, tanto por fatores físicos como humanos.

Para refletir sobre a Paisagem nos embasamos na periodização de Santos e Silveira (2003), que dividem em três períodos as transformações do território brasileiro: o meio natural ou pré-técnico, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. Nesses três períodos o homem alterou a paisagem a partir da técnica, o qual ocorreu nos lugares em tempos distintos. Estes três meios também representam a evolução das técnicas e, então, a paisagem faz parte da configuração espacial organizada pela técnica.

A apresentação da paisagem parece ser simples devido, costumeiramente, ser associada somente com a beleza, porém se mostra complexa quando realmente investigada. A paisagem não é como as cores vermelha ou azul, que quando falado tem o seu significado já definido. Ao discutir a categoria paisagem, cria-se uma grande divisão, surgindo diversos conceitos, o mais utilizado sendo a definição do senso comum, definindo a paisagem apenas como um lugar bonito. Para melhor explicar essas definições, Maximiano (2004, p. 84) assinala que “as diversas disciplinas científicas e mesmo o senso comum têm uma explicação própria do que seja paisagem”. Para tentar elucidar essa visão da significação popular, Luchiani (2001, p. 15) aponta que “até o século XVIII, a paisagem era, portanto, sinônimo de pintura”, devido visar apenas o campo estético da natureza.

Pode-se perceber que essa definição popular permanece forte até os dias atuais, e com isso, é rotineiro associar o conceito de paisagem com cenários naturais devido serem “belos”. Então se cria a ideia de que paisagem e natureza são iguais, porém, em geografia, são opostas,

já que a primeira existe somente com a participação do homem, devido não haver paisagem sem um observador ou criador, enquanto a natureza existe de forma independente.

A paisagem está diretamente ligada ao homem, pois é esse quem a cria. Deste modo, Sauer (2004, p. 23), definindo esta categoria, assinala que a “paisagem é uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. De acordo com Carl Ortwin Sauer, o homem é o principal modelador da paisagem, transformando-a de acordo com seus traços culturais, criando formas para melhor atender suas necessidades. Isso fica claro quando o autor escreve que a paisagem é composta de formas distintas, destacando a suas individualidades, mostrando-nos que a paisagem não se dá de maneira homogênea.

Cada paisagem tem características próprias, sendo impossível serem criadas iguais, pois formas foram pensadas e construídas de maneiras distintas, de acordo com a técnica dominada pelo homem em suas respectivas épocas e lugares. Essa técnica está em uma constante evolução, pois o homem é o único ser que não repete suas ações, lançando sempre inovações para ampliar a sua capacidade de produzir espaço, e com isso altera-se a sua configuração territorial consecutivamente. Desse modo, podemos afirmar que a paisagem é dinâmica, transformada a todo momento a partir da técnica (SANTOS, 2009b).

É a técnica que determina a paisagem, e é a partir disso que surgem as heterogeneidades, pois a técnica não é a mesma para todos os lugares. Alguns lugares têm maior desenvolvimento técnico, enquanto outros se encontram com um menor domínio deste. Assim, criam-se formas diferentes e é isso que nos permite identificar a história (ou histórias) dos lugares. Como já dito anteriormente, a técnica está em constante evolução e com isso ficam resquícios das formas de técnicas passadas, pois “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais” (SANTOS, 2009b, p. 107).

Em sua tese, Puntel (2007) debate a respeito dessa categoria geográfica considerando que a paisagem não é estática, tem movimento mais ou menos rápido e é a partir dela que é possível compreender em parte a realidade num determinado momento, pois a paisagem está em constante mutação. Como em uma fotografia, os elementos do lugar não serão os mesmos tempo depois, pois a paisagem já haverá se tornado outra. Deste modo, “cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transformam para se adaptar às novas necessidades da sociedade” (SANTOS, 2009b, p. 54). Percebe-se que a paisagem está diretamente ligada ao espaço,

porém não se deve confundir ambos, pois a paisagem é a organização dos objetos, já o espaço é a vida que anima esses objetos, pois o espaço é formado por objetos e ações. (SANTOS, 2009b)

Sabendo que a paisagem é transformada pela evolução das técnicas, fatores sociais e culturais, quebra-se essa visão remota de que a paisagem é somente o meio físico, criada apenas pelos movimentos naturais da Terra, abstendo a participação humana neste processo. Guarda as marcas do passado feitas pelo homem, nos permitindo identificar as diversas maneiras – porém não todas, devido a sobreposição de momentos – de organização espacial que já existiu. Nesse sentido, Santos (2009, p. 103) afirma que a “paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”.

A paisagem está unida à configuração territorial, porém não são sinônimos. Configuração territorial é o conjunto de coisas naturais e artificiais organizadas em um sistema. Já a paisagem é apenas uma parte desse conjunto. Como coloca Santos (2014, p. 85), “a paisagem é o conjunto das coisas que se dão diretamente aos nossos sentidos; a configuração territorial é o conjunto total, integral, de todas as coisas que formam a natureza em seu aspecto superficial e visível”. Por esse fato tem-se a certeza de que a paisagem está diretamente ligada à percepção.

Uma mesma paisagem pode ter vários significados, depende da concepção e da formação do observador.

Quando se vislumbra uma paisagem exuberante, a reação que ela pode proporcionar a cada pessoa pode ter significados e interpretações distintas. Uma bela praia, para turistas, de modo geral, significa um lugar de descanso e de tempo de qualidade. Para o pescador, ela significa apenas uma fonte de riqueza que pode ser explorada para a obtenção de alimentos e a geração de renda. Para um morador nativo, ela pode despertar sentimentos de pertencimento e de identidade, de história vivida e nela culturalmente construída ao longo do tempo. (TORREZANI, 2016, p. 12).

Desta forma e no mesmo sentido de Cavalcanti (2006), a categoria paisagem não é exclusiva da Geografia, pois é bastante utilizada, também, por arquitetos e urbanistas. Isso ocasiona a distinção das definições da paisagem, pois cada área de estudo focará apenas na parte que lhes convém, como por exemplo, os arquitetos e urbanistas terão sua atenção voltada somente para o estético da paisagem, pois necessitam criar formas e funções que agradem a população e o capital. Deste modo transforma-se o espaço por completo, buscando explorar cada porção de terra para produzir, esquecendo-se das possíveis consequências

futuras. O homem passa a se sentir o senhor da natureza ignorando por completo as implicações de suas ações.

Essa busca frenética pelo aumento do poder econômico leva Souza (2013, p. 223) a dizer que “transformaram a paisagem em um poderoso produto da insanidade humana”. Essa procura incessante de poder leva o homem a destruir os seus traços culturais, destruindo marcas que são necessárias para nos mostrar a história dos lugares.

Alterando-se a paisagem, altera-se também todo o comportamento do lugar afetado e podemos dar como exemplo o município de Porto Nacional, no Estado do Tocantins, a partir de certas transformações neste início do século XXI. Primeiramente altera-se a sua configuração com a criação da Usina Hidrelétrica no ano de 2001 e em seguida com a chegada da soja no município, alterando todo o seu comportamento, criam-se cursos técnicos nas escolas para desde cedo preparar os jovens para atenderem melhor ao agronegócio, chega-se até a fechar escola para no seu lugar colocar a base do SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. No ensino superior, fundam-se novos cursos para também atender essa demanda. Percebe-se como a modificação da paisagem altera as funções de todo um município e conseqüentemente dos munícipes.

Com essa alteração da configuração territorial para melhor atender a uma produção, se coloca o lugar em risco, pois se cria uma dependência daquele produto, como se fosse durar eternamente. Porém compreende-se que não é assim, atualmente a sociedade vive em um mundo globalizado, no qual os detentores do capital possuem o conhecimento de todos os lugares e sempre irá buscar o lugar que mais o favorecer, pois a “produtividade pode não ser duradoura, desde que outro lugar passe a oferecer àquele produto melhores vantagens comparativas de localização.” (SANTOS, 2009, p. 248).

Na categoria paisagem há também uma distinção entre paisagem natural e a paisagem artificial, ou seja, modificada. Há autores que afirmam que a primeira já não exista mais. Nesta linha cabe dizer que o que se entende hoje ser natural, já não o é, seguindo o pensamento de Santos (2014), que diz:

muitas vezes o que imaginamos natural não o é, enquanto o artificial se torna “natural” quando se incorpora à natureza. Nesta, as coisas criadas diante dos nossos olhos – e que para cada um de nós são o novo – já aparecem para as novas gerações como um fato banal. O que vimos ser construídos é, para as gerações seguintes, o que existe diante deles como natureza. (SANTOS, 2014, p. 83)

Porém, se por um lado, essa artificialização da paisagem é negativa, devido não nos fornecer nem uma história, pelo fato da paisagem artificial não ter passado, ela é o presente.

Do lado contrário ela é positiva pelo fato de permitir saber o nível da técnica que já foi alcançado. E percebe-se que já foi atingido um alto nível pelo fato de ver a capacidade do homem de poder materializar suas mais distintas fantasias – que antes consideradas impossíveis – no espaço.

Próximo a definição da categoria paisagem que Sauer (2004) fornece, Santos (2014, p. 67) define paisagem como “tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. Nesta definição da categoria discutida, abole-se por completo a questão de a paisagem ser somente o belo. A paisagem é tudo o que nós vemos, porém, cria-se a ideia de que a paisagem só existe se a conseguirmos ver, mostra uma dependência apenas da visão. No entanto, a paisagem não é somente visual e, desta maneira, a análise da paisagem não pode estar limitada somente a este sentido. A paisagem pode ser percebida pelo corpo. O corpo humano é capaz de nos equipar com informação mesmo sem os seus principais sentidos, e com isso formamos a paisagem imaginária, sendo aquela que as formas e funções não são reais no concreto.

Ao falarmos de paisagem natural, artificial, imaginária etc., cria-se a ideia de que são coisas diferentes e que não se complementam, uma possível fragmentação da categoria, porém, não é esse o sentido. Santos (2014, p. 71) afirma que “a paisagem é um conjunto heterógeno de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério”.

Dito isso, não é possível entender a paisagem apenas por partes, é necessário observar todo o seu conjunto, pois a paisagem não é formada apenas em uma única ocasião, ela é criada por frações de momentos, que ao se unirem criam-se formas, com objetos artificiais e naturais. “A paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal” (SANTOS, 2009, p. 103). É impossível existir uma paisagem na qual os seus elementos sejam completamente artificiais, ao mesmo modo que, também não é possível que exista uma paisagem que seus elementos sejam todos naturais.

Já Castro (2004, p. 05) define paisagem como “uma marca, que é impressa pela sociedade na superfície terrestre, e ao mesmo tempo estas marcas são matrizes, ou seja, constituem a condição para a existência e para a ação humana”. É necessário o homem transformar o espaço para sobreviver, e isso não seria possível sem a evolução das técnicas. O homem passa a “dominar” o meio, o transformando para sua adaptabilidade, fazendo com que assim seja possível habitar todos os lugares do mundo. O homem consegue desenvolver condições para fazer uso dos mais diversos tipos de climas e latitudes a seu favor, cria

produtos artificializados para se adequar a qual for o meio. Grande exemplo disso é o avanço do agronegócio no cerrado brasileiro. Alterando a paisagem, o homem cria o produto já próprio para o clima desse lugar.

O homem passa a usar o conhecimento obtido como recurso, podendo assim transformar a paisagem de acordo com as particularidades do lugar. A busca humana por condições melhores de habitar o espaço é uma constatação no suceder da história. De acordo com Santos (2009) e Silva (2014), a ferramenta primordial para sobreviver no espaço e no tempo é o conhecimento, obtido graças ao desenvolvimento da técnica e da ciência, que presentearam o homem com a capacidade de antecipar os fenômenos que ocorrem na superfície da Terra. Dessa forma o homem equipa o espaço com objetos técnicos que irão diminuir os impactos desses fatos.

Deste modo, “consideramos que as paisagens hoje estão completamente humanizadas, mesmo não tendo, efetivamente, a presença humana” (SOUZA, 2013, p. 222). A ação do homem atingiu a todos os lugares, mesmo não sendo de maneira direta, pois as paisagens foram transformadas por este que com o desenvolvimento das técnicas passa a ter conhecimento de todo o espaço.

Com a globalização, as paisagens são os retratos dos lugares de como eles ficam sob a influência desta. Neste sentido vemos uma tentativa de homogeneização da paisagem, “os shoppings, os centros de convenções, as redes de restaurantes e outros tipos de prestação de serviços, os parques temáticos etc., firma séries repetitivas que podem dar a impressão de que ‘está ficando tudo com a mesma cara’” (YÁZIGI, 2002, p. 17). É comum vermos essa tentativa de deixar tudo igual, pois a busca de mais-valia a nível global faz com que esses lugares se tornem “os mesmos”, e sim, esses lugares podem até terem as mesmas características, porém é impossível serem iguais, pois o tempo, os usos e a técnica é o que irá diferenciá-los.

Baseado nos autores citados, percebe-se como esta categoria é complexa. Pode-se perceber, também, que há semelhança entre as definições fornecidas por Sauer (2004) e Santos (2014), pelo fato de ambos inserirem a participação humana no processo de (trans)formação das paisagens, entendendo como fatores culturais e não somente físicos. É certo que “há variações do conceito, conforme a disciplina que o elabora, mas também há parâmetros mais ou menos comuns mantidos nas definições” (MAXIMIANO, 204, p. 24), como por exemplo, nas definições já dadas aqui, mas fica claro que a paisagem só existe com a participação do homem, pois é esse o grande criador e transformador da paisagem. Desta maneira alguns questionamentos são importantes para a reflexão e prática docente: como

ensinar a categoria paisagem para estudantes do ensino médio? Como a paisagem é entendida por estes sujeitos? Como a transformação da paisagem altera a configuração territorial da cidade de Porto Nacional-TO?

3 A TÉCNICA NA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM EM PORTO NACIONAL-TO

Porto Nacional atualmente (2019) possui uma população de 53.010 habitantes, com uma área de 4.449,917 km², segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE¹. No entanto, nem sempre foi assim e se faz necessário investigar na história deste município e analisar como era a sua configuração territorial no passado e os fatores que mais contribuíram para a mudança da mesma, até chegar ao período atual.

O município de Porto Nacional-TO tem o desenvolvimento da sua história diretamente ligada ao rio Tocantins, em cuja margem esquerda formou-se o arraial de Bom Jesus do Pontal (século XVIII)². Este arraial, como tantos outros naquela época, foi criado devido à busca incessante pelo ouro. Como nos diz Giraldin (2002, p. 02), “os grupos de aventureiros (do ouro) lançavam-se para todos os lados em busca do tão cobiçado metal. Qualquer riacho ou rio os levava a adentrarem aos mais longínquos territórios, muitas vezes totalmente desconhecidos”. Nesta busca, mineradores encontram garimpos localizados próximos ao rio e, estabelecendo estadia naquele local, cria-se, então, o arraial de Bom Jesus do Pontal, que passa a se desenvolver a partir da mineração.

De acordo ainda com Giraldin, o arraial do Pontal compunha-se,

De uma rua principal com cerca de trezentos metros de extensão, e uma secundária, perpendicular a primeira. Em 1824, contava com quarenta e nove (49) casas dispostas ao longo destas duas ruas, sendo que a principal terminava na praça da igreja. O arraial era habitado por uma população de cento e quarenta e três (143) pessoas livres e trinta e oito (38) escravos, contando, assim com uma população de cento e oitenta e uma (181) pessoas. (GIRALDIN, 2002, p. 03)

No lado oposto, na margem direita do rio Tocantins, cria-se o arraial de Porto Real, atual Porto Nacional, o qual, de acordo com Oliveira (2004), em uma posição estratégica, tem sua origem intimamente ligada à existência de dois núcleos mineratórios, sendo um deles o já citado Bom Jesus do Pontal à esquerda e o outro o de Nossa Senhora do Carmo, à direita do rio Tocantins. Desenvolve-se então neste arraial um porto para enviar os produtos produzidos nesta região para Belém do Pará, pelo rio Tocantins. Porto Nacional mantinha uma relação de comércio com o estado citado.

Vale ressaltar que Porto Nacional (Porto Real) desenvolveu-se a partir do declínio da mineração no Pontal. De acordo com Giralдин (2002), o decaimento da atividade mineradora no arraial do pontal, levou os seus habitantes a abandoná-lo, paulatinamente, passando a viver no crescente arraial de Porto Real, onde busca outras atividades. Como nos afirma Oliveira (2004) e Giralдин (2002), as pessoas se dedicaram à lavoura, na qual cultivavam o fumo, o algodão e a mandioca, o segundo produto sendo de ótima qualidade, preferível por outras regiões. A população também se dedicou à pecuária, fazendo grandes fazendas de gado e criação de cavalos. Assim, surgiu Porto Real com a tentativa de incentivar o comércio fluvial, se tornando um grande polo fluvial, até surgir a rodovia Belém-Brasília.

A construção da rodovia Belém-Brasília, na década de 1960, como estratégia de acelerar o processo de ocupação e incorporação da região Centro-Oeste e Norte do país, deslocou o eixo de desenvolvimento antes centrado no rio Tocantins, para as cidades, vilas e aglomerados urbanos às suas margens (ZITZKE, 2005, p 08).

Notamos novamente a mudança na organização do município, pois o transporte que era feito anteriormente pelo rio, passa a se realizar pelas estradas, fazendo com que assim Porto perca a sua “importância” como o principal polo, devido à criação de novos centros urbanos.

Com essa alteração, Porto Nacional continua a se desenvolver e, dando um salto temporal, chegando no século XXI, este município, novamente passa por uma grande transformação em sua organização espacial, com a construção da Usina Hidrelétrica no rio Tocantins, no município de Lajeado.

É fato que a energia elétrica se faz necessário para o ser humano, como nos diz Pereira; Lolis e Barbosa (2015), porém antes de se realizar uma obra desta magnitude, a qual afetará diversas famílias, se faz necessário um planejamento sustentável, com vista a assegurar as mesmas.

A Usina Hidrelétrica Luiz Eduardo Magalhães foi iniciada em 1º de julho de 1998, com o “discurso desenvolvimentista do Estado, que propunha superar o atraso secular de uma região, promover a industrialização e, conseqüentemente, o desenvolvimento.” (PARENTE; MIRANDA, 2014, p. 558). Como podemos notar, o discurso sempre mostrará somente o lado positivo das ações, nunca mostrará as suas reais conseqüências. Após a construção da Usina de Lajeado, foram contabilizadas, de acordo com Pereira; Lolis e Barbosa (2015), um total de 1.526 famílias afetadas, tanto as que habitavam as áreas urbanas como as de propriedades rurais.

Com a criação desta Hidrelétrica, Porto Nacional novamente altera-se em sua configuração territorial, pois essas famílias atingidas diretamente foram realocadas em distintos lugares, causando assim a marginalização desses habitantes, ou seja, levando-os a habitar as margens da cidade.

Outro fator que ocasionou grandes mudanças no município foi o crescimento da cultura da soja, que afetou diretamente a população deste município devido ao impacto que sua produção causa. Nota-se que esta cultura se espalhou por todo o estado do Tocantins, isso devido “o crescente consumo nos mercados interno e externo que deu estabilidade aos preços do produto no mercado, o que incentivou a expansão de áreas produtoras.” (ZAMBRZYCKI, 2012, p. 24).

Pode-se dizer que a cultura da soja foi a que mais modificou a configuração do município, pois a região de Porto Nacional é a que mais produz soja no estado, com uma área de 149 mil hectares, produzindo 644,03 mil toneladas por ano.

O crescimento da cultura da soja na região de Porto Nacional ocasionou a vinda de empresas do ramo do agronegócio para o município. Em entrevista feita com um funcionário da empresa “N”, ele relata que:

A primeira unidade da empresa foi em Gurupi, porém depois eles viram a logística de Porto Nacional, que assim, os produtores estavam migrando mais para cá, pegando a região de Silvanópolis, e pra gente trabalhar com a “X” que é uma multinacional, a “X” ela tem os setores das regiões que ela pode atender e na nossa loja de Gurupi, ela não podia atender na região de Silvanópolis e nem Aparecida do Rio Negro, então a gente colocou uma unidade em Porto, porque assim a gente conseguia atender Silvanópolis, Aparecida do Rio Negro e Fátima. [sic]

Percebemos nesse depoimento a mudança de estrutura da empresa “N” para trabalhar com a empresa transnacional “X”, o que faz parte do que é denominado por Santos (2009) como Tecnosfera. “A Tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes”. (SANTOS, 2009, p. 256)

Quando perguntado se havia observado a transformação do espaço no município, funcionário revela que Porto Nacional mudou bastante nesses sete anos que a unidade da Empresa “N” se estabeleceu no local, pois com o avanço da tecnologia o agronegócio foi o ramo que mais evoluiu. De acordo com o entrevistado,

Antigamente o povo desmatava, mas por que era bom? Por que o clima era tudo agradável? O povo desmatava, mas demorava anos e anos para desmatar, agora, hoje não, hoje tem maquinário aí, que você passa o correntão aí, passa tudo aí, que você desmata 100 hectares em um dia. [sic]

Com isso percebemos o quanto a soja prejudica o local que ela é produzida, pois para ser plantada, primeiramente desmata-se toda a área, ocasionando o aumento da temperatura, entre outros impactos. Outro fator que pode ser prejudicial é a mudança cultural do local, como ocorreu em Porto Nacional. Com a chegada da soja, o município passou a se modificar para melhor atender esta cultura. Com isso, se estabelecem em Porto Nacional novas lojas voltadas para o agronegócio, como a empresa “N”, que foi a primeira revendedora dos produtos da empresa “X” nesta região, porém com o desenvolvimento da soja, atualmente existe quatro revendedoras, somente neste município.

Perguntado se a soja permaneceria muito tempo no município, o entrevistado respondeu que, *“Porto Nacional tem tudo para crescer na área agrícola, tanto é que até hoje, chegam produtos novos, toda semana tem produtor procurando terra.”* [sic]

Desta maneira vemos que o mercado da soja tende somente a crescer no município, podendo deste modo alterar mais ainda a organização territorial deste lugar.

Faz-se importante essa contextualização do município de Porto Nacional porque para se ensinar os conceitos geográficos se faz necessário partir da espacialidade dos estudantes. Deste modo, compreender e analisar as alterações da configuração territorial e das paisagens deste município, para poder entender o ambiente em que os alunos(as) estão inseridos, se faz essencial.

4 O ENSINO DA CATEGORIA PAISAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O ensino de Geografia na educação básica tem como papel formar estudantes com a capacidade de compreender, conhecer, observar e interpretar o espaço em que vive. Então, desta maneira, os professores de Geografia devem ter como objetivo desenvolver a capacidade desses alunos(as) para que possam identificar os processos ocorridos no espaço.

Para que ocorra essa compreensão do espaço geográfico é necessário que os alunos(as) tenham o mínimo de conhecimento a respeito das categorias que permitem desvendar as relações do homem com a natureza, e as transformações realizadas neste meio pelo primeiro. Para Corrêa (2011), as categorias da Geografia são: paisagem, região, lugar, território e natureza operativa, tendo como conceito chave o espaço. É a partir dessas categorias que se torna possível compreender o mundo em que se está inserido.

Partindo desse pressuposto se faz necessário que os estudantes da educação básica tenham o conhecimento das categorias, sem necessidade de se fazer uma discussão como é feita no Ensino Superior, pois o professor de Geografia na escola não tem como papel formar

‘mini geógrafos’, porém, tem como função mostrar como as categorias estão inseridas no cotidiano. Como isso é possível? Os professores de Geografia devem relacionar as categorias com os temas abordados na geografia escolar, deste modo, “entende-se que se faz necessário articular os assuntos trabalhados na Geografia Escolar com esses conceitos básicos para, com isso, relacioná-los com a vida do aluno”. (PUNTEL, 2007, p. 284).

Seguindo este pensamento uma das categorias que melhor permite trabalhar a relação do homem com a natureza é a paisagem, pois é essa que está em constante transformação devido às alterações dessa relação. Deste modo, se faz necessário o professor de Geografia aprofundar mais nesta categoria em sala de aula, relacionando-a com o dia-a-dia do aluno. As categorias paisagem e lugar estão diretamente ligadas e, desta maneira, “é importante considerar esse conceito como primeira aproximação do lugar, chave inicial para apreender as diversas determinações desse lugar. A partir daí, a análise poderia se encaminhar para o entendimento do espaço geográfico” (CAVALCANTI, 2006, p. 99). Assim, o professor pode utilizar os lugares que os estudantes frequentam ou vivem para investigar a paisagem, começando a investigá-la na escala local e na realidade dos(as) alunos(as), para em seguida ampliar essa escala, fazendo com que compreendam os processos de transformação do espaço.

Para Okido (2016) a desconfiança sobre a paisagem é essencial para o pesquisador, pois caracteriza a busca por conhecimento sobre os processos que transformam um determinado espaço geográfico ao longo do tempo, sendo que o geógrafo tem como obrigação ir além da visão externa, ou seja, do estético. Devem ser feitos questionamentos a respeito da paisagem, como por exemplo: o que levou a ter aquela determinada forma? Quais os fatores sociais e políticos envolvidos? Qual é a função desta paisagem? Qual a importância? São perguntas que se fazem necessárias para se ter uma melhor compreensão desta categoria. Se faz importante dizer que a paisagem ao mesmo tempo em que revela, também esconde, pois “os objetos são passíveis de uma datação, têm idades. Pela datação dos objetos de uma paisagem, deveríamos poder reconhecer a sua idade (ou suas idades). Mas isso nem sempre é possível, já que muitas vezes os objetos antigos são suprimidos da paisagem” (SANTOS, 2014, p. 75).

Porém, para compreender esses fatores, é necessário saber o conceito da categoria paisagem. Com isso, a BNCC – Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental (BRASIL, 2018) dá maior destaque para a categoria paisagem, começando a ser estudada a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, tendo como objetivo que os alunos(a) comecem a

desenvolver e entender esta categoria, para que quando atinja uma certa idade e ano escolar, a discussão a respeito da paisagem possa ser mais complexa.

Pelo exposto, procurou-se verificar como está o conhecimento de alunos do ensino médio a respeito da categoria paisagem com a pesquisa empírica realizada no Centro de Ensino Médio Florêncio Aires, localizado no centro da cidade de Porto Nacional-TO que, devido a localização central, atende alunos(as) de vários bairros. Foram entrevistados um total de 12 (doze) estudantes do 3.o ano do Ensino Médio.

A pesquisa empírica se constituiu em três partes, sendo a primeira, uma tentativa de conhecer esses jovens com quem estávamos trabalhando, procurando saber como é o comportamento dessa juventude. Pensando nisso, foi aplicado um questionário, com perguntas que nos permitiram identificar o que esses jovens fazem no seu dia-a-dia e como vivem.

No questionário foi possível analisar que a maioria (59%) dos estudantes está concluindo o Ensino Médio na idade considerada adequada, aos 17 anos. Enquanto os demais (31%) estão com idades superiores à esperada, porém devemos levar em consideração que nem todos esses estudantes começaram a frequentar a escola na idade também considerada ideal. Esses dados estão expressos na Figura 1.

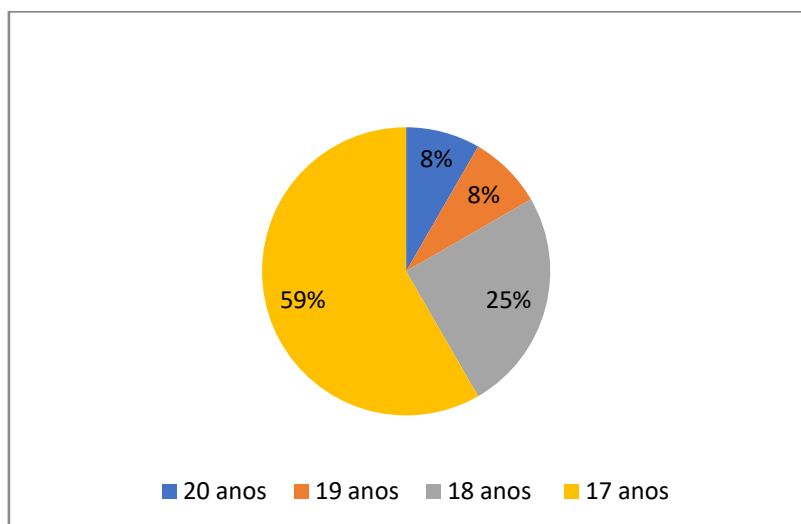


Figura 1: Idades dos estudantes entrevistados. Fonte: pesquisa direta.

A segunda pergunta a ser realizada foi a respeito do meio de transporte que esses estudantes dispunham para ir à escola. Verificamos que somente 33% deles vão a pé para a escola, enquanto os demais vão de carro e moto, devido a escola atender a vários setores da cidade, sendo os mais citados os setores Nova Capital e Novo Horizonte, setores

esses considerados distantes da escola. A Figura 2 aponta como ficaram divididos esses meios de transportes. Ressalta-se que a comunidade do município de Porto Nacional-TO não conta com meios de transporte público eficaz, o que torna a motocicleta, a bicicleta e o carro os meios de locomoção mais utilizados.

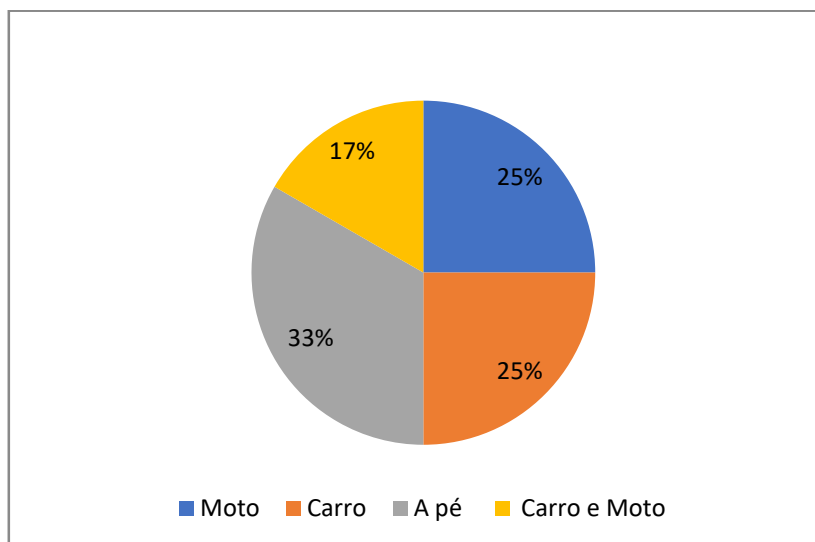


Figura 2: Meios de transporte dos estudantes. Fonte: pesquisa direta.

Quando perguntado se algum deles exercia alguma profissão, todos responderam que não, que apenas estudavam. Deste modo consideramos ideal perguntar se gostavam de estudar e o porquê? Obtivemos respostas como, *“Sim, pois é o meu futuro que está em minhas mãos... conhecimento é tudo... porque quero ter um futuro... para que eu possa ser bem-sucedida no futuro... aprender coisas novas... porque é a base de tudo.”*. Com isso percebemos o que pensam a respeito do estudo e que, de modo geral, associam o mesmo com um belo futuro, no qual possam ser independentes e ter uma boa vida. Isso nos mostra o quanto os estudantes consideram importante a escola, pois tem a consciência que ela é o início para que possam ter condição de vida que consideram necessárias.

Já que esses estudantes demonstraram gostar de estudar, foi pedido para citarem duas matérias que mais gostavam e o porquê? As respostas revelam que os estudantes gostam mais das matérias de Geografia, Biologia e Química, relatando que essas citadas são interessantes, pois tem facilidades e nas áreas que pretendem seguir essas matérias têm um grande peso. Por outro lado, as que menos apreciam são Matemática e Física, disseram que são matérias desinteressantes, que não compreendem muito bem. Neste caso podemos levar em consideração também a relação aluno-professor, pois o professor, com a forma como ensina, pode ser o fator que fará com que o estudante goste ou não da matéria, que desperte

mais seu interesse ou não. Importante ressaltar que há nestas disciplinas um déficit de professores formados nas áreas específicas. Assim, alguns professores acumulam disciplinas diferentes de sua formação inicial para complemento de carga horária.

Quando perguntado especificamente se gostavam da Geografia, obtivemos respostas como: *“Sim, porque estuda biomas, relevos, coordenadas e isso eu gosto muito... nos abre caminhos e seus estudos são magníficos... pois é essencial conhecer a Geografia... é uma matéria onde estudamos tudo... porque estuda coisas do nosso planeta”*. Podemos analisar que os estudantes gostam da Geografia escolar, pois, segundo eles, estudam de tudo nessa matéria, e, de fato, em toda ação do homem a Geografia está presente. O interessante é que percebemos que a relação dos estudantes com o professor dessa escola é amistosa, favorecendo assim o ensino de Geografia.

Com isso percebemos que os estudantes se identificam com a Geografia, tendo certo gosto em estudar essa disciplina escolar, demonstram interesses em aprender sobre, tendo em vista ampliar o conhecimento do espaço e para melhor o compreender. Porém, apesar de gostarem da Geografia, nota-se ainda uma deficiência, pois grande parte dos estudantes do 3.o ano do Ensino Médio não consegue apresentar uma definição coerente.

Quando foi proposta uma discussão a respeito da categoria paisagem, comprovamos a afirmação acima. Percebemos que estes sujeitos possuem apenas a definição popular. Ao ser perguntado para os estudantes o que era paisagem, as respostas vieram com definições bem simples e objetivas. Para a maioria dos estudantes, paisagem é um lugar bonito, uma vista que agrada a visão, e alguns mudam até a forma de falar, falando com uma entonação de voz mais afetiva.

Os estudantes definiram a categoria paisagem como: *“algo natural que observamos durante o dia-a-dia... é uma coisa bela, que todos gostam de olhar e admirar, como por exemplo, o pôr do sol... paisagem é algo que podemos observar, admirar, pois é muito bonito”*. Nota-se como as definições dadas pelos estudantes é simples e superficial, cria-se uma definição na maioria das vezes por influência da mídia. Bolson (2004) é certo que a televisão muitas vezes banaliza a paisagem retratando-a de forma distorcida. Criando imagens e estereótipos homogêneos que influenciam na decisão coletiva do que é bonito, feio, bom ou ruim. Deste modo cria-se um desprezo pelos meios que não são considerados bonitos.

Como consequência deste fato, nas respostas dos estudantes percebemos certo desprezo pelo local em que vivem, pois segundo eles não possuem paisagens nestes locais, pois não os consideram bonitos ou agradáveis aos olhos. Isso fica mais claro, quando foi

pedido para que desenhassem em um papel o que entendiam por paisagem e tivemos apenas desenhos de cenários naturais e bonitos (Figuras 3 e 4).

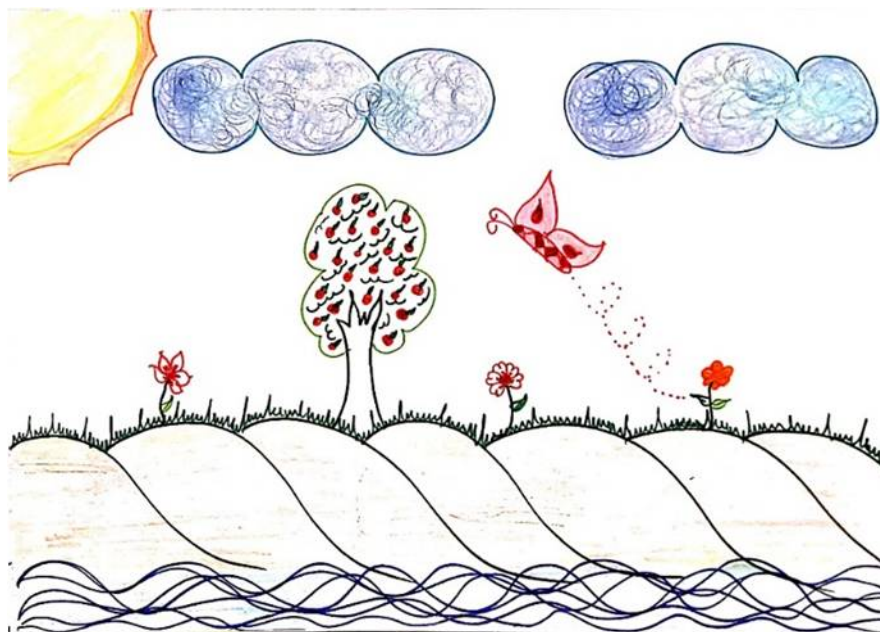


Figura 3: Desenho realizado pelo aluno para explicar o que é paisagem.



Figura 4: Desenho realizado pelo aluno para explicar o que é paisagem.

Nesses desenhos podemos analisar como esses alunos, seus autores, entendem a categoria paisagem. No primeiro desenho (Figura 3) vemos um campo florido, com borboletas e árvores carregadas de frutos, em que a aluna quis representar um cenário natural e bonito. Já na Figura 4, podemos observar um celular, desenho esse que gerou dúvidas sobre o que o aluno quis demonstrar com esse desenho. Foram levantadas várias hipóteses, a primeira sendo que talvez ele quisesse demonstrar uma paisagem humanizada, já que esta é tudo o que os olhos alcançam; a segunda foi que talvez o aluno estivesse tentando chamar atenção, na tentativa de ser engraçado, entre outras. Porém, quando perguntado o que ele quis mostrar com este desenho, ele respondeu da seguinte maneira, *“não professor, é porque as paisagens eu só vejo por aqui, aqui eu vejo as montanhas, os rios, as praias.”*

A resposta foi surpreendente, pois notamos o quanto está fixado no pensamento desses jovens apenas uma visão abstrata da paisagem, “ou seja, a imagem de paisagem para a maioria desses estudantes parece ser a de uma estampa de parede, retrato de ‘folhinha’, um quadro tipo que comumente é encontrado pendurado em paredes de casa populares.” (CAVALCANTI, 2006, p. 49). Em nenhum momento fizeram relação com as transformações do espaço, apenas com cenários bonitos para fotos ou para se apreciar.

Porém, apesar dessas definições genéricas houve estudantes que foram além dela, como podemos analisar a definição dada por um aluno, que disse o seguinte, *“para mim, é tudo aquilo que a gente observa, podendo ser boa ou ruim, e tendo a nossa opinião da paisagem.”*. Nessa resposta, podemos notar semelhanças com a definição apresentada pelos autores estudados, notando-se ainda uma definição completa, já que o aluno disse que é “aquilo que a gente observa”, fazendo ligação não apenas com a visão, mas também com os demais sentidos.

O aluno que definiu a paisagem desta maneira, no seu desenho fez referência ao local em que vive, retratando o despejo dos materiais do esgoto no reservatório da cidade (Figura 5).

Deste modo, se fez necessário apresentar para esses estudantes alguns conceitos debatidos a partir de Sauer e Santos relacionando-os com a categoria paisagem. A partir dessa apresentação, ocorreu um debate maior no momento em que foi apresentada a definição de paisagem natural e paisagem modificada. Alguns estudantes questionaram se não havia mais paisagem natural, se tudo o que eles viam era modificado. A partir dessas perguntas, deu-se início ao debate do que era ou não natural e artificial. Certos estudantes deram como exemplos de paisagem natural, árvores, campos, e como paisagem modificada deram exemplos como casas e prédios. Nesses exemplos percebemos que os estudantes passam a

mudar as definições de paisagem, começam a inserir objetos criados pelo homem, pois notam que a paisagem é criada e modificada por ele, na tentativa de se adequar ao meio.



Figura 5: Desenho de paisagem com despejo de esgoto feito por aluno.

Os estudantes começam a notar as mudanças no espaço, ocasionadas pelo homem. Então foram apresentadas algumas dessas mudanças no município em que moram. Com o intuito de exemplificar melhor, foram apresentadas imagens das paisagens de Porto Nacional, de diferentes épocas e graus de desenvolvimentos das técnicas (Figuras 6, 7, 8 e 9).



Figura 6 - Prefeitura de Porto Nacional - TO, década de 1980. Fonte: Rede Social (Instagram)³



Figura 7: Prefeitura de Porto Nacional -TO, atualmente. Fonte: Araguaína Notícias⁴.



Figura 8: Antiga Praia de Porto Nacional -TO década de 1990. Fonte: Rede Social (Instagram)⁵



Figura 9: Praia atual de Porto Nacional-TO. Criada após a construção da Usina Hidrelétrica.
Fonte: Marcel de Paula/TV Anhanguera⁶.

Após a apresentação dessas e outras imagens, notaram-se alterações nas falas dos estudantes. Quando perguntado novamente o que era paisagem, deram respostas como: *“é tudo o que a gente ver... é o que que a gente consegue observar, seja bom ou ruim... são as casas, os prédios, as árvores, os rios, é tudo o que nós vemos.”*

Assim foi pedido para que desenhasssem novamente o que era paisagem, com o intuito de saber o que eles desenhariam, já que haviam aprimorado suas definições da categoria trabalhada. Os estudantes realizaram desenhos como os das Figuras 10 e 11.

Como podemos observar pelos desenhos apresentados, houve sim mudança a respeito da compreensão da categoria paisagem. Nota-se que retrataram mais a transformação do espaço realizada pela ação humana. Percebe-se nestes desenhos a presença de uma Psicofera, quando os alunos usam o papel para desenhar aquilo que compreendem e que acreditam, usando a imaginação para desenhar objetos que já viram pessoalmente e até mesmo aqueles que viram somente por meio da mídia.



Figura 10: Paisagem artificial desenhada por aluno.



Figura 11: Ferrovia desenhada por aluno.

Santos (2009, p. 256) define a Psicosfera como “reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário”. Deste modo, nos desenhos das Figuras 10 e 11 é possível observar a inserção de prédios, casas e um grande fluxo de automóveis. Também é notório a divisão de classes sociais por meio das moradias retratadas, com grandes prédios e, ao lado, várias casas amontoadas, em um morro, exemplificando as comunidades existentes no País. É retratado também a ferrovia Norte-Sul

que corta o estado do Tocantins, passando pelo município de Porto Nacional. Nesse desenho em específico o aluno disse que se lembrou de uma aula campo em que foi com a turma e o professor de Geografia. Assim, podemos perceber como os estudantes foram capazes de compreender de forma rápida e clara e aprimorar o conceito sobre Paisagem. Ainda demonstra a importância do ensino da categoria Paisagem ser realizada a partir da localidade do indivíduo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da categoria Paisagem no contexto da realidade local é imprescindível na construção do saber geográfico. A noção que os estudantes possuem sobre esta categoria é somente do conceito popular, no qual a paisagem é apenas o belo. E somente com muito esforço conseguem associar a paisagem com as formas de adaptação do homem no meio, muitas das vezes expressando dificuldades em aceitar que a paisagem é a forma do que o homem transforma no meio para se fixar em diferentes locais com diferentes características. Isso se torna um problema, pois os estudantes não conseguem questionar as transformações do meio, porque ocorrem e porque são feitas de tais maneiras e não de outras. É a partir da paisagem que as pessoas conseguem observar as segregações, as desigualdades socioespaciais. Com isso, se o jovem não conseguir analisar os porquês das paisagens, não conseguirá questionar as decisões tomadas por seus representantes ou outros. Deste modo, conseguir discutir o espaço em que está inserido pela paisagem é essencial, pois os estudantes desenvolverão o senso crítico e assim poderão conhecer a configuração territorial que habita. Deste modo, é importante mostrar-lhes o porquê das paisagens não serem homogêneas, e sim heterogêneas, podendo-se relacionar já com outros conteúdos geográficos.

Assim, entra o papel do professor de Geografia em apresentar para os jovens estudantes a Paisagem, relacionando-a com o dia a dia desses estudantes, mostrando-lhes as paisagens que habitam, os fatores e os processos que levaram a ter as formas atuais.

O intuito deste trabalho não foi de criticar ou desmerecer as definições dadas pelos estudantes em um primeiro momento, mas sim, utilizá-las para debater e conseguir avançar na compreensão e construção do conhecimento que a ciência geográfica, e especificamente a categoria Paisagem, proporcionam no desenvolvimento cognitivo para compreender as transformações socioespaciais do lugar onde vivem.

THE LANDSCAPE AND THE TEACHING OF GEOGRAPHY: SOME ARGUMENTS ABOUT THE SOCIOESPATIAL CHANGES OF PORTO NACIONAL-TO

ABSTRACT

The aim of this research developed is to reflect on the geographical category Landscape in the city of Porto Nacional-TO. Therefore it was recovered the history of the municipality at the beginning of the century. It was also investigated how the category is represented by 12 high school students at Centro de Ensino Médio Professor Florêncio Aires. It was carried out four meetings with the students where they had to present their perceptions of the Landscape from some discussions and drawings. It was also carried out an interview with a representative of a transnational company that operates in agribusiness, of soy commodities. The above mentioned interview was great importance once we consider soy production to be the great transformer of the Cerrado landscape of Tocantins.

Keywords: Landscape. Geography Teaching. Porto Nacional-TO. High School.

NOTAS

¹ Consulta feita em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/porto-nacional.html>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2019.

² Em 1.831 o julgado de **Porto Real** é elevado à categoria de Vila mudando seu nome para Vila de **Porto Imperial**. Com a Proclamação da República a cidade passa a se denominar **Porto Nacional**. Destaca-se o nome do município uma vez que muda conforme a estrutura política vigente na história do Brasil.

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BlJswK_FUZd/?igshid=1q2c7yxyxfj3i>. Acesso em 17 de jul. 2019.

⁴ Disponível em: <<https://araguainanoticias.com.br/imagem/700/0/6193/prefeitura-de-porto-nacional-lanca-edital-de-concurso.jpg>>. Acesso em 17 de jul. 2019

⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BlsbANIHGid/?igshid=1ib1j3lm0m87a>>. Acesso em 17 de jul. 2019.

⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/praias-de-porto-nacional>>. Acesso em 17 de jul. 2019.

REFERÊNCIAS

- BOLSON, Jaisa H. Gontijo. **A importância da paisagem na atividade turística**. Revista Turismo. Junho de 2004. Disponível em <<https://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>>. Acesso em 11 de fev. 2019.
- BRASIL (País). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF:MEC/SEB, 2018.
- CASTRO, Demian Garcia. **Significados do conceito de paisagem**: um debate através da epistemologia da Geografia. 2004. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>>.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia: conceitos e temas**. 14ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2011.
- GIRALDIN, O. Pontal e Porto Real: dois arraiais do norte de Goiás e os conflitos com os Xerente nos séculos XVIII e XIX. **Revista Amazonense de História**, v. 1, n.1, pp. 131-146, jan./dez. 2002.
- MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RA'E GA**, Curitiba, n. 8, p. 83-91, Editora UFPR, 2004.
- OKIDO, Ricardo Hiroyuki. **Paisagens em transformação**: da técnica à percepção. Estudo sobre o avanço da lavoura de grãos nos municípios de São Francisco de Assis e Manoel Viana. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre, 2016.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima. Um porto no sertão: cultura e cotidiano em Porto Nacional – 1880 a 1910. In: GIRALDIN, Odair. **A (trans)formação histórica do Tocantins**. 2º ed. Goiânia: Ed. UFG, 2004.
- PARENTE, T. G.; MIRANDA, C. M. . Impactos socioculturais e gênero nos reassentamentos da Usina Luís Eduardo Magalhães-TO. **Varia História** (UFMG. Impresso), v. 30, p. 557-570, 2014.
- PEREIRA, Carolina M. R. B.; LOLIS, Solange.; BARBOSA, E. C. Do rio Tocantins a UHE do Lajeado: a memória da população ribeirinha de Brejinho de Nazaré. **Interface** (Porto Nacional), v. 1, p. 191-203, 2015.
- PUNTEL, Geovanne Aparecida. A paisagem no Ensino da Geografia. **Ágora** (UNISC. Online), v. 13, p. 283-298, 2007.
- SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004 [1925].
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. 5. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. Ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009b.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. Ed. 2. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003

SILVA, Sandro Maximo Campos da. **A Geografia Escolar**: a geografia no ensino médio. Dissertação (Mestrado). UNIJUI, 2014.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Geografia, paisagens e a felicidade. **Geotextos**, v. 9, n. 2, p. 219-232, dez. 2013.

TORREZANI, Neiva Camargo. **A prática docente e o conceito de paisagem**: um estudo com professores de geografia. 2016. 95f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

YÁZIGI, Eduardo. A Importância da Paisagem. In: YÁZIGI, Eduardo. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **A (Re)significação da paisagem no período contemporâneo**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, Imaginário e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ZAMBRZYCKI, Geraldo Cesar. **Fluxos de energia de um sistema e produção de soja no Tocantins**. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 2012.

ZITZKE, V. A. Deslocamento involuntário e novos territórios no Tocantins: o caso da UHE Lajeado. In: Encontro Ciencias Sociais e Barragens, 1. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005.

Recebido em 30/06/2020.

Aceito em 22/12/2022.